

Capítulo 5 – SCHNORR, Giselle Moura; VANZIN, Érica. **CÍRCULO DE CULTURA LEIA MULHERES: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO**. Publicado em: Paulo Freire: (re)leituras e práticas. Evelyn de Almeida Orlando; Peri Mesquida (Orgs.). Porto Alegre (RS), Editora Fi, 2021. ISBN: 978-65-5917-262-7 DOI: 10.22350/9786559172627
Livro disponível: <https://www.editorafi.org/262paulofreire>

CÍRCULO DE CULTURA LEIA MULHERES: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO¹

Erica Vazin²
Giselle Moura Schnorr³

“Quando eu era menina meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia nomes masculinos como defensor da pátria.”

Carolina Maria de Jesus⁴

1. Palavras iniciais

Duas mulheres de gerações diferentes tecem este texto desde a educação popular feminista (Freire, 1987; hooks, 2018). Uma escrita que brota de experiências semeadas por, com e sobre mulheres. Ações educativas, culturais e a produção de conhecimentos coletivamente fazem parte da tessitura aqui apresentada como uma síntese sentipensante (Fals Borda, 1998) acerca do que vem sendo gestado com diversas mulheres, com as quais nos encontramos por meio de seus escritos e na partilha de histórias, memórias e experiências das participantes. Trata-se do “Círculo

¹ Este capítulo se refere ao relato feito no III Seminário Internacional Intelectuais e Educação, organizado pelo Grupo de Pesquisa Pensamento Educacional Brasileiro - PUCPR, em 18 de novembro de 2021 e está relacionado ao Estágio de Pós-Doutorado em Educação/UFPR com Projeto “Tecendo convergências na construção de inéditos viáveis: Paulo Freire, interculturalidade e pedagogias descoloniais” desenvolvido por Giselle Moura Schnorr (2019-2021), sob supervisão do Prof. Dr. Geraldo B. Horn.

² Acadêmica do 4º ano do Curso de Pedagogia, bolsista do PIBIS/Fundação Araucária no Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire: Filosofia, Educação e Cultura, na Universidade Estadual do Paraná, campus de União da Vitória e Militante do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC-PR). E-mail: vanzinERICA13@gmail.com.

³ Professora do Colegiado de Filosofia, do Programa de Mestrado Profissional em Filosofia e Coordenadora do Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire: Filosofia, Educação e Cultura, na Universidade Estadual do Paraná, Campus de União da Vitória. E-mail: giselleschnorr@gmail.com

⁴ Quarto de Despejo: diário de uma favelada, São Paulo: Editora Ática, 2014, p. 54.

de Cultura Leia Mulheres” que ocorre desde 2017 na Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, campus de União da Vitória mobilizando mulheres a se encontrar mensalmente.

A frase de Carolina Maria de Jesus que abre este capítulo nos lembra o crime que o patriarcado comete a séculos ao apagar contribuições de mulheres na história. Questão que deve ser compreendida como violência que contribui para legitimar outras violências contra mulheres, pois ainda lutamos para não sermos tratadas como objetos. Carolina Maria de Jesus, na década de cinquenta do século XX ganhou fama após ser descoberta por um jornalista na favela em que vivia em São Paulo. Considerada uma mulher semianalfabeta, que escreve fora a norma culta, teve seu diário publicado em vários países e tornou-se um símbolo de denúncia da miséria, da fome de homens e mulheres negros e negras no Brasil. A fama durou pouco e a fome ainda hoje assola o Brasil. A escrita de Carolina, mulher negra e favelada, é visceral contra as opressões e ainda não devidamente reconhecida, pois escreveu muito, além de livros, compôs músicas e poemas, sua voz resiste e segue atual:

A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco, morre um dia... Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido. (JESUS, 2014, p. 39).

. Resistir com arte, literatura e poesia tem sido o fio condutor da experiência que aqui compartilhamos. Ao acolher as participantes, na escuta umas das outras e das mulheres que lemos, procuramos “honrar a voz de todas”, como aprendemos com outra mulher negra, a educadora feminista bell hooks⁵ (2018, p. 26). Acolher, também, o feminismo negro, nos quais se insere bell hooks, significa reconhecer as mulheres negras e transmitir às novas gerações suas resistências, conhecimentos e potencialidades.

Na história dos feminismos um eixo comum é o enfrentamento do patriarcado como sistema político, econômico, social de exploração, dominação, que nos marcos do capitalismo é útil e necessário na reprodução de diversas formas de opressão das mulheres e dos homens, gestando inclusive uma estrutura mental que delinea papéis

⁵Gloria Jean Watkins, escritora e militante feminista, adotou como pseudônimo o nome de sua avó, bell hooks, e prefere que seja escrito em minúsculo para que a atenção seja concentrada em sua mensagem em vez de em si mesma.

sociais como base na exploração sexista, outro nome para nomear o patriarcado. Acolhemos o sentido dado por bell hooks, feminista negra, norte-americana:

Feminismo é um movimento para acabar com o sexismo, exploração sexista e opressão”. Neste sentido, o feminismo não é um movimento anti-homem, pois nosso problema é o sexismo. [...] nós mulheres e homens temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas. Em consequência as mulheres podem ser sexistas, como são os homens. Para acabar com o patriarcado (sexismo institucionalizado), um primeiro passo é reconhecer que todos nós participamos da disseminação do sexismo e a nossa tarefa é substituir conscientemente estas concepções e práticas por pensamentos e ações feministas. (2018, p.13)

O patriarcado como sistema de privilégios de corpos masculinos, heteronormativos e brancos, silencia, apaga e oprime corpos dissonantes. Nos contrapomos a esta lógica unindo à prática da educação popular o feminismo interseccional que articula relações de gênero, raça e classe social (Crenshaw, 2018; Davis, 2016; Gonzalez, 1988) de modo que corpos em suas diferenças possam se expressar em sua concretude, tanto das mulheres que participam do círculo de cultura como das autoras que lemos. A interseccionalidade além do reconhecimento de que as opressões se dão de formas múltiplas, possibilita compreender as interações destas na produção e reprodução das desigualdades sociais no cotidiano.

Estas considerações iniciais estão nas origens do Círculo de Cultura Leia Mulheres, que nasceu no âmbito do Projeto de Extensão Tecendo Estudos e Ações em Rede pela vida das Mulheres- TEAR-Mulheres que se desenvolveu entre 2016-2018. Origem na qual há, também, uma questão epistêmica, a escuta em sala de aula e outros espaços questionamentos tais como: “Há mulheres filósofas?” “Porque não lemos mulheres?” “Nossa, como a gente só lê homens!”

No primeiro ano do Círculo de Cultura Leia Mulheres (2017-2018) realizamos uma parceria com o Núcleo de União da Vitória da APP-Sindicato. No ano de 2019 realizamos o Círculo de Cultura Leia Mulheres no âmbito do Projeto de Estágio de Pós-doutorado “Tecendo Convergências na Construção de Inéditos Viáveis: Paulo Freire, Interculturalidade e Pedagogias Descoloniais”, ampliando esta iniciativa via Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Filosofia - NESEF/UFPR. Neste ano demos continuidade ao trabalho na UNESPAR e criamos um círculo de cultura em Curitiba no Setor de Educação/UFPR. A partir de 2020 esta ação passou a integrar o Programa de Extensão Coletivo Paulo Freire: Filosofia, Educação e Cultura, vinculado

ao Colegiado de Filosofia e cadastrado junto a Pró-Reitoria de Extensão de Cultura/UNESPAR.

Em 2020, com a suspensão das atividades presenciais nas universidades devido a pandemia por COVID 19, em diálogo com os grupos organizados em Curitiba e União da Vitória, via aplicativo de mensagens WhatsApp, avaliamos a necessidade de retomar as atividades de modo on-line. Nesta avaliação foi considerada o bem estar gestado nos diálogos e socialização de experiências, inclusive de autocuidado e sororidade no contexto de pandemia, com exercício da escuta acolhedora num contexto em que as mulheres se encontram com aumento da sobrecarga de trabalho em suas casas, assim como mais atenção a possíveis situações de violência doméstica visto que as condições para denúncias tornaram mais difíceis com o isolamento social.

O contexto adverso da pandemia possibilitou a unificação dos Círculos de Cultura Leia Mulheres (UFPR e UNESPAR) e ampliou a possibilidade de participação de novas integrantes de diversos Estados do país como Bahia, Amapá, Pernambuco, Santa Catarina e de outras cidades do Paraná. A partir de 2020 passamos a contar com uma bolsa do Programa Institucional de Apoio a Inclusão Social, Pesquisa e Extensão (PIBIS), da Fundação Araucária contribuindo para qualificar mais as ações.

Antes de iniciar esta ação, em 2017, investigamos e descobrimos que haviam experiências em outras cidades e mesmo em outros países de clubes de leituras de obras de mulheres, mas fizemos a opção em desenvolver as atividades na perspectiva de círculo de cultura indo de encontro à proposta de uma educação popular. Portanto, não é um clube de leitura ou um grupo de estudos, mas um círculo de cultura. A seguir algumas imagens de encontros do Círculo de Cultura Leia Mulheres⁶:

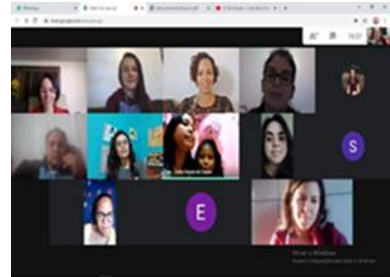
⁶ Imagem de 2017 da fotógrafa e participante do Círculo de Cultura Leia Mulheres Jéssica Kukul. Imagens de 2018 a 2020 do acervo das autoras.



UNESPAR (2017)



UFPR (2019)



ON-LINE (2020)

2. Círculo de Cultura

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (2016, p. 16) o círculo de cultura foi recriado por Paulo Freire e Elza Freire, juntamente com a equipe, nas experiências de alfabetização no Nordeste. Ao teorizar sobre esta experiência, que praticou ao longo de sua trajetória, Paulo Freire coloca o círculo de cultura como espaço de efetivação concreta de seu método dialógico e dialético por meio da organização horizontal que rompa com a educação bancária:

[...] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar do professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos pontos e de programas alienados, programação compacta, reduzida e codificada em unidades de aprendizado (FREIRE, 2002, p. 111).

A figura geométrica do círculo gesta o olhar de todas a todas, desconstrói a sala de aula centralizada na imagem quadrada e na figura do/a professor/a como único/a detentor de conhecimentos, podendo contribuir para a dinamização da construção coletiva de ensino-aprendizagens e superação do individualismo narcisista que marca a educação bancária centrada no produtivismo e na competitividade.

Em círculo temos um exercício horizontal, onde pessoas se encontram e tematizam questões concretas, relacionados a sua condição existencial, a sua realidade sociocultural, através de um tema que seja relevante para o grupo. Essa tematização pode ser mediada por materiais, com leituras, por estudos, através de um diagnóstico, uma análise teórica e prática dependendo do perfil dos sujeitos e sempre permeada pela perspectiva da dialogicidade que é uma categoria importante na pedagogia freireana, sempre focada na tematização, análise crítica, sistematização e registro.

A cultura como construção da experiência humana, criação e recriação que diz respeito ao cotidiano e modos de estar no mundo, na contradição humanização e desumanização como fazer histórico-social (Freire, 1987, p. 87-93; 116; 119.) é eixo central deste trabalho. A educação como ação cultural é tecido comunitário e contém possibilidades de que conhecimentos e experiências circulem, dialoguem, se contraponham em permanente recomposição. Esta ideia dialética e dialógica de movimento propicia a compreensão dos contextos histórico-social-cultural em que vivem concretamente as pessoas envolvidas nos processos educativos.

Como subjetividades interessadas na construção do conhecimento, na ação e na comunicação partindo de situações concretas, é possível refletir sobre o modo de estar no mundo indo além da situacionalidade (Freire, 1987, p. 101). O diálogo, princípio do círculo de cultura, restabelece o direito de nos pronunciarmos no mundo, de transformá-lo nos humanizando. O Círculo de Cultura Leia Mulheres reivindica a humanização das mulheres historicamente reduzidas a objetos e a múltiplas violências. Representa o exercício de práxis de um *quefazer* pedagógico ético-crítico, como nos ensina Paulo Freire:

O respeito à autonomia e a dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (...) É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assume como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação

é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar (Freire, 1999, p. 66-67).

A cultura da violência tem consequências econômicas, sociais, físicas e emocionais não só para as mulheres agredidas. O fato destas questões não serem alvo de discussão acaba por perpetuar condutas de mulheres, posturas de subordinação, de dependência, de desvalorização pessoal, e também de homens, com posturas de restrição emocional, de utilização da sexualidade como fator comprobatório de virilidade e da violência como meio de resolução de conflitos. A internalização destes fatores alimenta o preconceito e este estimula a violência e, portanto, precisa ser combatida. Ao organizarmos círculos de cultura nos voltamos para a desnaturalização das relações de gênero que se expressam como exercício de poder discriminatórias, sexistas, homofóbicas, racistas e misóginas.

A prática do Círculo de Cultura Leia Mulheres situa-se na valorização de saberes e experiências de mulheres em suas diversidades, efetivando-se como ação intercultural, indo de encontro da intrínseca relação entre gênero e interculturalidade, como expõe Magali Mendes Menezes, ao citar Diana Vallescar:

A questão de gênero tem uma profunda relação com a interculturalidade. Como comenta Diana Vallescar, é preciso "recuperar as sabedorias e as experiências das mulheres procedentes de diferentes culturas e, ao mesmo tempo, a ideia de que puderam também operar como corretivo frente a determinadas afirmações e visões (impostas) por teorizações feministas". A filósofa comenta que existem aspectos comuns entre a análise de gênero e a interculturalidade. Destaca que ambas: 1.denunciam a assimetria cultural; 2.fazem a crítica a uma cultura dominante e sua superação; e, 3.buscam a luta e transformação das relações e mundos de vida (Menezes, 2015, p. 76-77).

A educação popular feminista que esta experiência gestou nos levou a revitalizar a pedagogia freireana como interculturalidade provocando exercícios de deslocamentos intersubjetivos e interculturais, como sugere Raúl Fonet-Betancourt:

Por interculturalidade compreende-se aqui não uma posição teórica, nem tampouco um diálogo de/e/ou entre culturas (ou neste caso concreto, um diálogo entre tradições filosóficas distintas) no qual as culturas se tomam como entidades espiritualizadas e fechadas; senão que interculturalidade quer designar, antes, aquela postura ou disposição pela qual o ser humano se capacita para, e se habitua a viver "suas" referências identitárias em relação com os chamados "outros", quer dizer, compartilhando-as em convivência com eles. Daí que se trata de uma atitude que abre o ser humano e o impulsiona a um

processo de reaprendizagem e recolocação cultural do qual nos fazemos culpáveis quando cremos que basta uma cultura, a “própria”, para ler e interpretar o mundo. [...] interculturalidade é experiência, vivência da impropriedade dos nomes próprios com que nomeamos as coisas. (Fornet-Betancourt, 2004)

No *quefazer* que temos realizado, num constante exercício de sororidade, desenvolvemos atividades com encontros mensais, com duração de cerca de três horas cada, com os objetivos de:

- Promover a leitura de escritos de mulheres de distintos contextos e perspectivas teóricas.
- Contribuir para a superação do silenciamento e da invisibilidade das mulheres como produtoras de conhecimento.
- Exercitar a educação popular feminista e intercultural por meio de círculos de cultura.
- Promover exercícios de aprendizagens colaborativas na forma de círculos de cultura.
- Compartilhar saberes e experiências contribuindo para superação de práticas misóginas, sexistas, racistas e discriminatórias.

Contra o silenciamento que desumaniza criamos espaços para o exercício da escuta e do direito a palavra. Como denunciou Flora Tristán, no século XIX, as mulheres: “Até agora foram consideradas para nada nas sociedades humanas. (...). Qual o resultado disso? O padre, o legislador, o filósofo a trataram como verdadeira pária. A mulher, isto é, metade da humanidade, foi deixada fora da igreja, fora da lei, fora da sociedade.” (TRISTÁN, 2016, p. 14). Na busca de superação do silêncio e do silenciamento é necessário, também, ainda que não somente, a prática da pronúncia, da escuta e da aprendizagem de outras formas de fazer educação.

3. Modo de tecer

No primeiro encontro anual, realizamos a apresentação da proposta, acolhimento e escuta de cada participante. Em seguida definimos coletivamente as autoras a serem lidas, tomadas como “temas geradores amplos” de cada encontro. Metodologicamente procuramos experienciar a educação popular feminista, inspirada nos Círculos de Cultura propostos por Paulo Freire (1987; 2002), nas Comunidades de Pedagogias propostas por bell hooks (2013) e a Filosofia Intercultural (Fornet-

Betancourt, 2004; 2008). Esta construção metodológica, desde 2017, é revisitada no planejamento e aprimorada coletivamente. Entre as bibliografias lidas acerca da metodologia acolhemos, também, contribuições de: “Tertúlia Dialógica: uma proposta metodológica” de Vanessa Giroto (2014); “Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular” (Dantas; Linhares, 2013).

Na UFPR tivemos a expressão de saberes, memórias, sentimentos, sonhos, angústias por meio de uma oficina sobre histórias de vida das participantes e do participante (tivemos um homem), vivenciando as propostas de escuta acolhedora, valorização das experiências concretas e problematização das falas. Ao longo desta oficina produzimos coletivamente uma mandala em tecido de algodão com escritas e objetos representativas da voz de cada participante. Esta elaboração foi um dos momentos da escuta no Círculo de Cultura, mas também simbolizou as vozes das mulheres lidas com as quais estabelecemos diálogos.

Nos encontros mensais, a escolha das leituras são tematizadas coletivamente e nesta construção são muitos aprendizados, entre os quais destacamos: a) a descoberta de que é possível tecer saberes junto com outras mulheres; b) de que mulheres historicamente proibidas de ler e de escrever resistiram e escreveram, algumas chegaram até nossos dias e muito se perdeu e não temos conhecimento; c) de que não se trata apenas de visibilizar ou integrar as mulheres na filosofia ou demais áreas de conhecimento, mas ao dialogar com elas, seus escritos e experiências fazendo filosofia e produzir conhecimentos de outro modo. Refundar, transformar, significa insistir que as mulheres, por elas mesmas, digam de que maneira necessitam e desejam expressar suas próprias experiências, rompendo com preconceitos sexistas que as silenciam interessadamente.

O Círculo de Cultura Leia Mulheres é um exercício memorial, de reconhecimento e acolhimento de contribuições de mulheres na história e que articula a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão no espaço da universidade. À extensão ainda é um dos espaços mais difíceis, do ponto de vista do reconhecimento e de condições de efetivação, mas é também, um dos espaços mais gratificantes quanto as possibilidades e aprendizagens. Neste caso, experiências no campo da educação popular contribuem para práticas de ensino, pesquisa e extensão. A educação popular, na perspectiva freireana, nos ensina a construir coletivamente, por meio da escuta e acolhimento de cada pessoa e sua história de vida, a pesquisar e

construir conhecimentos desde a realidade concreta, com compromisso social e tem muito a contribuir nos espaços marcadamente verticalizados com a academia.

Outro aspecto significativo desta experiência está na concretização de uma rede de educadoras populares feministas tecida ao longo do tempo de modo a contribuir para a formação, na perspectiva de prevenção, autocuidado e superação de situações de violência. Temos ainda a preocupação de sempre que possível no momento presencial acolher as crianças, para que as mulheres possam participar.

Para a realização das atividades temos a escolha do texto a ser lido, previamente ou no momento do encontro, conforme estabelecido anteriormente. Em cada encontro é combinado quem fará a mediação do trabalho, de modo que esta função seja partilhada como exercício de aprendizagem. A mediadora não é hierarquicamente superior aos demais membros do grupo e participa em plano de igualdade. Cada participante que deseja falar se inscreve, de acordo com distribuição das falas feita pela mediadora e princípios da aprendizagem dialógica, assumem a palavra para indicar a parte do texto que lhe foi significativo, compartilhando o que aprendeu, pensou, sentiu, questionou ou teve dúvida a partir da leitura.

Enquanto acontece os diálogos uma ou duas pessoas, previamente definidas, atuam como relatoras de aspectos principais advindos das falas. O relato tem a função de registro da atividade, permitindo as participantes perceberem o quanto se aprende quando se dialoga em um grupo heterogêneo. A medida em que o grupo vai se apropriando dos princípios da aprendizagem dialógica temos a efetivação de aprendizagens horizontalizadas, em que todas ensinam e todas aprendem. Outro aspecto significativo está na prática de critérios de participação e exercício concreto do direito à palavra.

As pessoas que ainda não realizaram nenhuma fala têm prioridade de fala e quem já falou deve aguardar e primeiro ouvir quem se inscreveu e ainda não falou. Estabelecemos como critério de prioridade de fala, tendo em vista que os objetivos da atividade é a transformação social diante dos preconceitos social, de gênero, raça, classe e idade, que colocam mulheres, negros e indígenas, pobres e pessoas idosas em desvantagem social, assim pessoas que vivem estes preconceitos têm prioridade de fala, basta se pronunciar.

A obra de uma mulher que lemos durante o mês é o tema gerador amplo do encontro e pode ocorrer de termos mais de um encontro sobre a mesma obra. Pode ocorrer, também, de trabalharmos com duas autoras a depender do tema e

necessidade. A escolha das autoras se dá no coletivo, pois cada uma é sujeito de ensino e de aprendizagens e pode sugerir, indicar leituras. Além das obras definidas para leituras são comuns sugestões de filmes, documentários, livros para crianças e a leitura de poemas autorais e ou não.

Até o momento lemos e dialogamos sobre escritos das autoras: Alessandra Kolontai (2003) Angela Davis (2016), bell hooks (2015; 2018), Carolina Maria de Jesus (2014), Chimamanda Adichie (2015), Conceição Evaristo (2016), Flora Tristán (2016), Glória Anzaldúa (2009), Lélia Gonzalez (1983; 1988), Maria Lugones (2014), Mary Wollstonecraft (2016), Norma Telles (2017), Ruth Guimarães (2018), Simone de Beauvoir (1964), Virginia Woolf (2014).

Desde 2020 temos realizado, também, leituras de escritos de participantes do círculo, sejam em prosa ou poesia. Participantes relatam que passaram a escrever e inclusive a publicar artigos em revistas e/ou jornais após incentivos no âmbito do círculo de cultura. Em 2018 nasceu a proposta de fazermos a escrita de um livro coletivo com poesias, ensaios, relatos de experiências das mulheres que participam, como não conseguimos viabilizar a publicação, em 2020 retomamos e estamos com um o livro em processo de organização. Participou da construção desta escrita quem desejou, e isso é uma outra coisa importante, qualquer mulher participa quando sente que é possível, seja dos encontros ou outras das ações que criamos.

Como aprendemos com Glória Andalzúa: “Eu não vou mais sentir vergonha de existir. Eu vou ter minha voz: indígena, espanhola, branca. Eu vou ter minha língua de serpente – minha voz de mulher, minha voz sexual, minha voz de poeta. Eu vou superar a tradição de silêncio”. (2009, p, 312).

Considerações finais

O Círculo de Cultura Leia Mulheres tem sido um espaço tecido no exercício de cuidado mútuo, dimensão política construída no âmbito dos movimentos feministas e como prática ético-política o feminismo não deve abdicar de atividades formativas e de um outro jeito de fazer, de um outra forma de construir relações sociais em que o poder seja reinventado e a democracia seja um saber (bell hooks, 2018; Freire, 2002).

Como espaço de permanente aprendizagens vamos nos reeducando desde a prática e assim acolhendo os desafio, tal como da educação inclusiva. A partir de 2019 temos uma participante deficiente visual e de 2020 uma deficiente física no

círculo de cultura. Com elas temos construído diálogos e práticas que procuram se efetivar no acolhimento concreto de cada uma em sua singularidade.

Na UNESPAR contamos com CEDH - Centro de Educação em Direitos Humanos, que desenvolve atividades voltadas para atendimento com núcleos em cada campus da universidade comprometidos com a prevenção, inclusão, cuidados quanto à saúde mental, relações de gênero e étnico raciais, prevenção e encaminhamentos quanto as violências, trata-se de:

Órgão vinculado à PROGRAD, criado pela Resolução 007/2016 COU-UNESPAR com o objetivo promover ações para o acesso, inclusão e permanência de grupos socialmente vulneráveis no Ensino Superior. O CEDH é constituído em cada campus da UNESPAR e é formado por núcleos de ação especializada - Núcleo de Educação Especial Inclusiva - NESPI, Núcleo de Educação para Relações Étnico-Raciais NERA e Núcleo de Educação para Relações de Gênero - NERG - que atuam como espaços institucionais de acolhimento, construção de conhecimento e orientação para práticas educacionais pautadas na equidade, respeito à diversidade e no exercício de cidadania na UNESPAR⁷

No âmbito no Círculo de Cultura Leia Mulheres tivemos situações que gerou encaminhamento para atendimento no espaço do CEDH, assim como infelizmente tivemos revelações de situações de violência que nos levou a dar apoio e auxiliar em encaminhamentos junto a órgãos de segurança pública e se o caso para medidas jurídicas. Trazemos estas situações para ilustrar que fazer educação popular feminista significa ter os desafios da prática como fonte de aprendizado e a necessidade constante de revisitar e dialogar sobre nossos princípios em favor da educação antirracista, antissexista, inclusiva e na defesa do direito à vida.

Ao lermos mulheres realizamos um exercício memorial e de reconhecimento, pois estas escritoras reivindicaram lugar na sociedade e foram testemunhas da sociedade sexista, misógina e machista. Em círculos de diálogos identificamos e aprendemos com mulheres de outras culturas, de outros contextos históricos e de outras cosmovisões que também foram violentadas pelo colonialismo. Mais que ler e conversar como escritos de mulheres esta experiência tem fortalecido vínculos no compromisso mútuo de que uma sociedade justa e digna para todas as mulheres é um direito.

⁷ Centro de Educação em Direitos Humanos/UNESPAR: <https://www.unespar.edu.br/projetos/cedh>. Acesso: 20/05/2021.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

ANZALDÚA, Glória. **Como domar uma língua selvagem**. Traduzido por: Joana Plaza Pinto, Karla Cristina dos Santos e revisão da tradução: Viviane Veras. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa, no 39, p. 297-309, 2009.

BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem comportada**. São Paulo: Editora Difusão Europeia do Livro, 1964.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Em volta do fogo aceso, em volta de um círculo**. In: SPIGOLON, N. I.; CAMPOS, C. B. G. (org.). **Círculos de Cultura: teoria, práticas e práxis**. Curitiba: CRV, 2016.

CRENSHAW, Kimbelé. **Interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Cruzamento Raça e gênero, 2018. p.7-16.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Angela Maria Bessa. **Círculos de Cultura: problematização da realidade e protagonismo popular**. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de Educação Popular em Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

FALS BORDA, Orlando. **La investigación, obra de los trabajadores**. FALS BORDA, Orlando et al. **Investigación Acción Participativa: Aportes y desafíos**. Bogotá: Dimensión Educativa, 1998.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Interculturalidade, críticas, diálogos e perspectivas**. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Mulher e Filosofia no Pensamento ibero-americano: momentos de uma relação difícil**. São Leopoldo: Oikos/Nova Harmonia, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 26. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIROTTTO, Vanessa. **Tertúlia Dialógica: uma proposta metodológica**. Síntese de uma oficina realizada pela autora para uma oficina de tertúlia literária na UNESPAR, campus de União da Vitória, 2014. Tese sobre: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2258/3536.pdf?sequence=1>

GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, Nº. 92/93 (jan./jun.). 1988, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GUIMARÃES, Ruth. **Água Funda**. São Paulo: Editora 34, 2018.

hooks, bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **Mulheres Negras: Moldando a Teoria Feminista**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Revisão da tradução por Flávia Biroli. Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2014.

KOLONTAI, Alessandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2003.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo decolonial**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 22(3):320, setembro-dezembro, 2014.

MENEZES, Magali. M. de. **A Filosofia feminista desde os olhares da filosofia intercultural: uma reflexão entre margens**. In: PACHECO, J. (org.). **Mulher & Filosofia**: as relações de gênero no pensamento filosófico. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORE, Mary (org.); PINSKY, Carla B. (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

TRISTÁN, Flora. **União Operária**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2016.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reinvindicação dos Direitos da Mulher**. São Paulo; Editora Boitempo, 2016.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.